

CRÔNICA

Orlando Pontes • ojpontes@gmail.com



O grasnar das araras

Minha mãe adora “bater perna”. Hoje, com 91 anos, ainda curte sair de casa para ir à feira ou ao mercado. Quando jovem, um de seus passeios prediletos era caminhar pela Comercial de Taguatinga, mesmo que não fosse comprar nada. À época, andar na calçada da avenida era como hoje ir ao shopping.

Naqueles finais dos anos 1970 e início dos 1980, Taguatinga era “a capital econômica” do Distrito Federal. E pulsava especialmente em junho, mês de aniversário da cidade.

Os clubes de serviço promoviam bailes, as escolas realizavam o desfile cívico ao lado das forças de segurança e os empresários, capitaneados pela Associação Comercial e Industrial (Acit) expunham seus produtos e faziam negócios na Facita.

A Feira da Indústria de Taguatinga atraía gente de todo o DF. A programação durava uma semana e incluía barraquinhas com comidas típicas e shows musicais de grandes artistas locais e nacionais, que arrastavam multidões de mais de 20 mil pessoas por noite. Tudo com ingresso pago.

Ao completar 67 anos, essas cenas são meras lembranças na memória dos saudosistas. A Comercial ainda exhibe grandes lojas, mas está longe de ser o “shopping horizontal” que foi um dia para passeios fortuitos dos “brotos”, das “cocotas” e donas de casa em momentos de descontração; e a Facita não acontece desde os anos 1990.

Mas agora ressurgem a

esperança da retomada do espaço da Facita. O presidente da Acit, Justo Magalhães, após longos anos de negociações, está prestes a assinar com o Governo do Distrito Federal um contrato de concessão de uso da área no setor QI (Quadrantes Industriais).

A ideia do líder empresarial é transformar o local num grande centro comunitário. O complexo terá um pavilhão — já em construção e o único do DF fora do Plano Piloto — de 4 mil metros quadrados para

feiras e exposições e estacionamento para 400 carros, entre outros equipamentos.

Justo pretende inaugurar a obra no segundo semestre deste ano. Lá, serão oferecidos cursos profissionalizantes de culinária, gastronomia, cuidadores de idosos, esportes, música, artesanato. Com isso, quer incentivar o empreendedorismo e abrir oportunidades para pessoas que trabalham na informalidade. Nos fins de semana, o pavilhão abrigará uma feira de produtos orgânicos.

Quem sabe, este poderá ser o primeiro passo para Taguatinga retomar o glamour de seus áureos tempos e, de

alguma forma, conquistar não mais o status de “capital econômica”, mas de uma cidade que respeita sua gente e sua própria história.

E assim, as pessoas voltam a andar pelas ruas apenas para bater perna. Como fazia Dona Maria, minha mãe, de mãos dadas com sua “bengala” — como meu pai Mundico se referia à minha irmã caçula, Sarah — companheira inseparável nas andanças da mamãe.

Só lamento que os andantes de hoje não mais se depararão com as araras da barbearia do Seu Onofre, que, com seu grasnar, deixavam confusa a pequena Sarah. A menina sempre parava em frente ao estabelecimento achando que alguém a chamava: Arrrrraaaa!

